

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE DEZEMBRO DE 1996

*Senhor Almirante Mauro César Rodrigues Pereira, Ministro da Marinha e Coordenador da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar; Senhores Ministros de Estado; Senhor Reitor da Universidade de Santa Maria, Odilon Antonio Marcoso do Canto; Senhores Oficiais das nossas Forças Armadas; Senhores Estudantes premiados; Senhoras e Senhores;*

Ao ouvir alguns dos trabalhos que foram apresentados a esse concurso, fiquei me perguntando se esses estudantes já tinham estado na Antártica. Perguntei ao Ministro da Educação e, depois, ao Ministro da Marinha. E o Ministro da Marinha me explicou que não, que irão agora à Antártica.

Pois bem, eu já estive na Antártica, como o Almirante Mauro César acabou de dizer, e, algumas vezes, evocações sobre a Antártica eram de tal maneira perceptivas, de tal maneira penetrantes naquele mundo antártico, que fiquei com a impressão de que vocês já tivessem estado naquela região.

Isso mostra, realmente, a imensa identificação espiritual dos que venceram esse concurso com aquela porção do nosso planeta. Fiquei

gratamente surpreso ao verificar que, nas várias composições apresentadas, o sentido mais profundo do que significa a Antártica, primeiro, para o ser humano e, depois, para nós, brasileiros, está ali desenhado.

Na verdade, não é só a imensidão daquelas geleiras impressionantes, os *icebergs* – que, na verdade, são azulados, de uma beleza realmente surrealista, que vai além da imaginação sensível –, o que marca: o que marca é o que foi dito por todos vocês. Primeiro, é a noção de infinito, a idéia de que nós, seres humanos, temos que ter humildade diante do desconhecido, diante daquilo com que os antigos se assustavam e que não assusta os modernos, mas, ao mesmo tempo, se quer entender melhor, e não se entende senão com uma atitude de humildade.

Quando a pessoa se aproxima daquele continente, imediatamente se sente pequenininha, independentemente da posição de cada um. Ali se vê a grandeza do universo e a necessidade que nós temos de compreendê-lo; e a necessidade também que nós temos de, para compreendê-lo, não nos colocarmos numa posição de arrogância.

Por outro lado, ali também foi dito que a Antártica, de alguma maneira, é uma espécie de desafio, de símbolo: desafio porque, se não preservarmos certas condições de reprodução da vida, nós colocamos em risco a própria civilização; e de símbolo – também foi dito por vocês – porque, diante desse desafio, diante da imensidão da Antártica, os seres humanos, organizados politicamente, tiveram o bom-senso de entender que aquilo podia ser não uma terra de disputas, senão que uma terra de solidariedade e de cooperação. A referência ao fato de que a Antártica, hoje, não é patrimônio de um país; e a um movimento mais amplo que define a Antártica como alguma coisa que, necessariamente, pela sua importância, precisa ser cuidada e explorada no melhor sentido, cooperativamente, está visível ali.

Tinha que ser assim. Qualquer pessoa que tenha tido a experiência única de pisar naquele território percebe, de imediato, que ali ou há solidariedade, ou cada um de nós desaparece naquela imensidão. Na época em que estive por lá, ainda havia a União Soviética. Não obstante, as bases, que eram a base chilena, a base polonesa, a base sovi-

ética, a base brasileira, tinham que viver ali como se não pertencessem a universos – até ideológicos – distintos. Os desafios da natureza eram tão fortes e a necessidade de sobrevivência apela de tal forma à solidariedade, que de pronto se vê que só se sobrevive ali quando existe uma compreensão que vá além do interesse mais imediato.

Se me permitem evocar minha direta e rápida experiência na Antártica, eu diria que o que mais comove é ver que lá, naquela imensidão, estamos nós, também, os brasileiros, a nossa Marinha, os nossos laboratórios, os nossos cientistas, gente que se dispõe a ficar lá, acomodada durante meses numas quase-casamatas que por lá existem, para tentar justamente, com humildade, enfrentar o desafio do desconhecido.

É, realmente, alguma coisa que emociona verificar com que dedicação aqueles que se orientam nessa direção de ter uma presença nossa – e “nossa” digo do Brasil, mas digo também dos outros povos – na Antártica, com que devoção eles estão ali para tentar perceber, descobrir fenômenos importantes, como, por exemplo, a questão do ozônio e uma série de outras que são fundamentais para entendermos melhor a cadeia evolutiva, desde o *krill*, que é fundamental, e toda a cadeia reprodutiva, até o conjunto dos mamíferos que vivem na Antártica.

Realmente, tudo isso nos ensina, e ensina muito. Existem condições para que nós, crescentemente, preservemos o equilíbrio ecológico, incentivemos outros povos e tenhamos a condição de continuar tratando de compreender cada vez melhor o nosso universo.

Quero terminar dando meus parabéns aos que ganharam, ao conjunto, aos 5.500 que se dispuseram a competir, à Universidade de Santa Maria, que teve essa iniciativa, à nossa Marinha que, como sempre, continua presente lá na Antártica, estimulando sempre as atividades que têm um sentido construtivo; e aos familiares e a todos os demais que aqui vieram para assistir a uma cerimônia simples, mas de incentivo a todos os brasileiros para que, com esse espírito de solidariedade e compreensão, continuemos juntos, também mantendo a nossa presença discreta, mas permanente e muito produtiva, lá na Antártica.

Muito obrigado a vocês.

